

Aprendizagem e crítica na sociedade em midiatização: análise da circulação de edição do programa *Profissão Repórter*¹

Eloisa Joseane da Cunha KLEIN²

RESUMO

Este artigo discorre acerca de aspectos de aprendizagem sobre a mídia e de exercícios de discussão e crítica midiática a partir da análise de um caso específico: a circulação crítica em torno de uma edição do programa Profissão Repórter (Rede Globo, terças-feiras, 23h30min). O texto desenvolve o argumento de que os processos intersubjetivos de conhecimento do mundo são, contemporaneamente, atravessados por processos midiáticos – o que motiva a observação dos processos interacionais que envolvem níveis de aprendizagem sobre a própria mídia, com frequentes exercícios críticos. A análise empírica recai sobre a edição “Violência entre casais” (2009) e os correspondentes comentários dos espectadores no blog do programa, considerando aspectos relativos ao conhecimento da mídia, às trocas sociais na mídia e em função dela, e ao debate sobre tema, enquadramento e formatação televisiva.

Palavras-chave: Aprendizagem social; Profissão Repórter; Telejornalismo; Dispositivo interacional; Crítica midiática

ABSTRACT

This paper discusses aspects of learning, discussion and criticism of media from the analysis of a specific case: the critical circulation around an edition of the program "Profissão Repórter" (Rede Globo, Tuesdays, 23:30). The text develops the argument that the intersubjective knowledge of the world is, nowadays, crossed by media processes — what motivates the observation of the interaction processes that involve levels of learning on media, with frequent critical axes. The empirical analysis rests on the edition itself ("Violence between couples", 2009) and also on the comments of viewers of the program, covering aspects of media knowledge, social exchanges that occur in the media and because of media, the debate on the subject, framing and formatting.

Keywords: Social learning; "Profissão Repórter"; TV journalism; Interactional dispositivo; Media Criticism.

¹ Trabalho apresentado à terceira edição da Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, publicação ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná.

² Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Especialização em Humanidades pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Unijuí. Email: eloisa_klein@yahoo.com.br

1 Processos de aprendizagem em contexto de midiatização

Construímos conhecimento sobre a realidade em processos intersubjetivos no presente, no lugar em que estamos, com as pessoas e os objetos em nossa presença, mas também a partir de memórias, informações sobre outras pessoas e lugares, e a partir de relações que cada vez mais têm sido tecnologicamente mediadas³. A aprendizagem não necessariamente depende de intenção (caso dos instintos e reflexos), mas, em boa medida, ocorre em processos intersubjetivos, que envolvem tanto os participantes de uma situação circunstancial (pessoas, ambientes, objetos, etc.) como o acionamento, pela linguagem, de conhecimentos formados por experiências diretas e outras das quais obtemos informações, por pessoas diversas, ou pela mídia, por exemplo (BERGER; LUCKMANN, 2008, p. 37-56).

Considerando-se o contemporâneo processo de midiatização da sociedade, as situações circunstanciais que vivemos (como o acionamento de experiências que estão além dessas circunstâncias) são atravessadas por processos mediáticos. Ao longo de décadas, práticas de informação, de entretenimento e de relações sociais midiatizadas foram se desenvolvendo associadamente ao jornalismo, ao romance literário, à comunicação de massas, ao uso de tecnologias digitais e às mídias sociais. Essas práticas envolvem, entre outros, a presença física dos equipamentos e os seus usos, as características informativas, o conjunto de práticas discursivas organizadoras da informação, do entretenimento, do lúdico e da aprendizagem do mundo. Envolvem o modo como nos relacionamos com as mídias, a forma como nos apropriamos de lógicas midiáticas e a centralidade da mídia em nossa vida. O fato de nos relacionarmos cotidianamente com a mídia marca, também, a própria produção midiática.

Os processos sociais são marcados pelos modos de interagir da sociedade. Tais modos são experimentados por tentativa e formam “padrões”, que se tornam disponíveis e “modelam” os processos sociais. Correlativamente, o episódio comunicacional aciona

³ Braga (2011) desenvolve uma breve análise comparativa entre os termos mediação e midiatização. Como forma de diferenciação, a opção pelas variações com a vogal “E” refere-se às variações de “mediação”, sinteticamente compreendida como “um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas”. No caso de Braga, vale recordar que o autor prefere nominar o fenômeno da midiatização como “mediatização”, com o intento de evitar a limitação da compreensão à mídia ou aos meios tecnológicos.

esses modelos, dá a eles forma, sentido, substância e direcionamento (BRAGA, 2011, p. 2).

Os processos intersubjetivos pelos quais tomamos conhecimento sobre o mundo são dinâmicos, não são determinísticos, mas potencialmente transformadores (modificam a si mesmos ao modificar o contexto). Martín-Barbero (2006) considera a implicação da comunicação midiática na construção do conhecimento social pela produção de conteúdo, pela presença no mundo, pelo compartilhamento de dados e pelo acionamento de circuitos comunicacionais. Estudos sobre midiatização (SODRÉ, 2010; BRAGA, 2006; 2007; 2009; FAUSTO NETO, 2009) analisam o atravessamento das lógicas das mídias nos processos sociais, com experimentações sendo realizadas em interações que se originaram nos processos midiáticos, modificaram-se por meio destes ou que estão produzindo coisas novas. O que muda com a base tecnológica nos processos interacionais não são apenas formas de produção, arquivamento, circulação de informações e mensagens, mas padrões de ver, articulações e relações sociais, em processos difusos, que permeiam grupos e indivíduos – de forma mais ou menos dispersa com relação aos campos sociais que antes eram determinantes.

A aprendizagem social se manifesta na recepção quando “recebe-se informação, cotejam-se referências, desenvolve-se a percepção do relativismo das verdades pela simples confluência de informações culturais diversas”⁴. A recepção é ativa, seleciona preferências e realiza interpretações “pelas mediações socioculturais em que o usuário permeia”⁵. Com base nessas experiências, num nível cumulativo, são desenvolvidas competências, particularmente por processos de socialização, “fazendo com que as interações de usuários (recepção) já resultem em aprendizagem” (BRAGA, 2007, p. 6).

Os receptores (ou leitores, ou telespectadores) são “sujeitos sociais”, “têm uma história, vivem em uma formação social particular” e “são constituídos por uma história

⁴ Braga (2007) distingue entre “processos educacionais” e “aprendizagem social”. Nos processos educacionais, a intenção é de formação, os procedimentos são planejados, é feita seleção de competências previstas e há algum destaque para a função de ensino. A aprendizagem social “seria aquela em que a sociedade aprende através dos próprios processos práticos, ativos, tentativos, de política do cotidiano (individual ou grupal) de enfrentamento dos desafios e dificuldades que concretamente se põem no cotidiano” (BRAGA, 2007, p. 5).

⁵ As mediações, consideradas “instâncias de passagem”, não são lugares fixos, mas existem nas relações, em que atuam fatores como a posição num grupo social, a faixa etária, o gênero, a etnia, a formação e a experiência de vida. Todo conhecimento e contato com a realidade é mediado – e a mídia participa da vida das pessoas e da forma como se relacionam com seus contextos. O que muda mais profundamente na sociedade midiatizada é que o conjunto de relações está permeado pela mídia, bem como as instituições, cujas fronteiras se diluem.

cultural complexa que é ao mesmo tempo social e textual” (GOMES, 2004, p. 175). O trabalho produzido na recepção circula socialmente, em um sistema interacional de resposta (BRAGA, 2006b), que age sobre a mídia, chegando a se manifestar em produtos também midiáticos. O acionamento de recursos da mídia em formas de sociabilidade (desde as pequenas ‘ruminações’ do cotidiano, conversas, até a ação de crítica da mídia em lugar formalizado e posto em circulação por via midiática) frequentemente carrega consigo uma questão paralela: como essas dinâmicas sociais acionam elementos pedagógicos sobre a própria mídia.

Com as interações em mídias sociais (agregadas aos espaços extramidiáticos anteriores) temos a possibilidade de observar a experiência cotidiana desenvolvida pelas pessoas com as mídias, no momento em que um tipo de conteúdo se torna público ou ganha expressividade pela mobilização voluntária das pessoas. Em algumas ocasiões, comentários ou discussões ocorrem de forma fragmentada, com tópicos associando a mídia ao que se está fazendo, como geralmente ocorre no *Twitter*, ou pela divulgação de um ou outro trecho de reportagem. Às vezes, tais comentários adquirem *status* mais formal, em *blogs*, por exemplo. Em análise do *blog* do programa televisivo *Profissão Repórter* (e outros *blogs* que discutem o programa), observei a ocorrência de pequenos textos analíticos sobre o conteúdo, o formato, a estruturação da reportagem e o papel dos repórteres. Textos que se aproximam de uma crítica com “operacionalidade midiática” (BRAGA, 2006b, p. 40), que se mostra como “aporte relevante para o desenvolvimento das competências midiático-culturais da sociedade”.

Na sociedade contemporânea, uma série de competências tecnológicas está sendo desenvolvida em relação à mídia, pela combinação de diferentes linguagens, “para interagir com a informação, com o conhecimento e com os outros”. “A hipótese é de que os jovens estão aprendendo e desenvolvendo destrezas, competências analíticas, psicomotoras, instrumentais, técnicas, de elaboração de pensamento” (OROZCO, 2010, p. 3).

A mídia tem trabalhado com a aprendizagem social produzida nas várias formas de interação social. Fausto Neto (2008, p. 101) analisa que as relações entre mídia e recepção são caracterizadas por “inevitáveis desajustes”, sem que um possa controlar o outro, mas há estratégias de “inclusão” da recepção para compreender e operar dinâmicas da mídia; é o que caracterizam programas definidos explicitamente no intuito de agregar informação sobre a operacionalidade das mídias, como *Profissão Repórter*.

Braga (2005) observa como operações de autorreferencialidade diminuem a “invisibilidade” das operações midiáticas, potencializando ações de análise, interpretação e crítica midiática. A discussão da esfera pública midiática necessita tanto de informações sobre a realidade quanto de “uma difusão de informações sobre a própria mídia, pois é através dela que aqueles assuntos são tratados” (BRAGA, 2005, p. 2). Essas operações motivam o desenvolvimento de outras ações midiáticas, como vídeos, canções, materiais audiovisuais de toda ordem, animações, postagens nas redes sociais, discussões e produção textual argumentativa.

2 Autorreferencialidade e potencialidades críticas em *Profissão Repórter*

Profissão Repórter é entendido como um programa de reportagem, caracterizado pela não submissão aos acontecimentos diários, pela escolha de uma única temática por programa, por reportagens com duração maior, entrevistas fora do estúdio, aprofundamento do tema, organização da reportagem como narrativa. A principal diferenciação é que a autorreferencialidade⁶ assume característica estruturante (à reportagem é associado um relato da reportagem – ou modos de mostrar, analisar ou refletir sobre a reportagem feita).

As situações de autorreferencialidade que tratam das implicações da ação do jornalismo numa situação social atuam na lógica da circulação dos processos comunicacionais. As características desse tipo de autorreferencialidade estruturaram de modo diferenciado os programas, com incidência na abordagem dos temas, tratada

⁶ O conceito de autorreferencialidade tem matriz na abordagem sistêmica do filósofo Niklas Luhmann e se refere ao processo de ajuste e diferenciação desempenhado internamente por um sistema toda vez que o ambiente introduz alguma irritação. No campo da Comunicação, a abordagem conceitual é desenvolvida por Fausto Neto, tratando particularmente de como a mídia (o sistema midiático, na abordagem de Luhmann) fala de suas operações para a construção de seu discurso sobre o mundo, de casos nos quais operações da mídia assumem relevância, expondo o que seria a cozinha do jornalismo, e de uma tentativa de construir diferentes vínculos com o receptor, baseados na exposição de quem fala. Há vários textos sobre o assunto, sendo aqui indicado o texto “Fragmentos de uma analítica da midiatização” (2009). Pessoalmente, tenho desenvolvido vários trabalhos nessa linha, sinteticamente expressos em minha tese de doutorado (defendida pela Unisinos em abril de 2012), na qual analiso reflexões relativas à autorreferencialidade provenientes das Ciências da Linguagem, das Ciências Sociais, da Psicologia Social, da Comunicação e do próprio Luhmann. Analiso que a autorreferencialidade ocorre não em fragmentos de texto, mas na processualidade das interações sociais, como elemento constituinte e necessário dos episódios comunicacionais (BRAGA, 2011) – e que adquire relevo em atividades sociais como o jornalismo, que expressa a si mesmo enquanto se desenvolve. Há situações, como é o caso de *Profissão Repórter*, em que a autorreferencialidade é assumida como valor reflexivo de uma interação, potencializando uma ampliação da atividade crítica e argumentativa sobre a própria autorreferência.

como resultado direto das condições de acompanhamento de um personagem, de aproximação de um contexto, de acesso a dados e fontes, de abertura ou restrição do tratamento de dados. Essas características carregam potencialmente ações de crítica do jornalismo, pelo endereçamento constante de aspectos relacionados ao trabalho do repórter. Há uma ênfase para elementos pedagógicos em todas as edições – marcadas pela relação de jovens jornalistas (todos formados, a maioria oriunda do Projeto Estagiário, da Rede Globo, ou com experiência como documentaristas) com Caco Barcellos, jornalista experiente que coordena o programa (atua em televisão desde o início dos anos 1980, foi correspondente internacional e publicou três livros-reportagem). A ênfase pedagógica também pode ser observada pelas interações entre os repórteres e destes com os entrevistados e seus contextos.

A explicitação das condições de produção da reportagem com frequência é acompanhada de discussões sobre as características do trabalho observado, marcas de edição, recursos usados ou que poderiam ter sido usados, tratamento da temática social, vozes ouvidas, tipo de entrevista. As discussões correspondem a variados tópicos reflexivos sobre a atividade social do jornalismo – ainda que amparadas em casos específicos de reportagem. Caso destacado (pela densidade da troca entre os espectadores e pelo tipo de resposta da equipe do programa) é a edição “Violência entre casais”, que foi ao ar em 22 de setembro de 2009.

A escolha do programa, decorridos três anos de sua exibição, justifica-se pelo acionamento que os espectadores fazem de elementos de atuação dos repórteres e da edição audiovisual para a realização de um intenso debate, que repercute no modo como a temática “violência” passa a ser tratada nos anos seguintes. Dentre os procedimentos de análise, sistematizo os aspectos abordados na edição, contextualizados em relação ao programa como um todo⁷. O foco central de análise recai sobre os comentários postados no *blog* logo após a exibição da edição, como resposta a textos de outros espectadores, e após a adição de textos e de vídeos explicativos pela equipe do programa.

⁷ O acompanhamento analítico foi feito até o final de 2011, em ampla análise que faz parte de minha tese de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

3 Análise da circulação crítica a partir da edição “Violência entre casais”

A edição desenvolveu três ângulos: o primeiro, a história de um crime – o assassinato de um homem pela esposa, recontado por meio de relatos, fotografias, lugares e acompanhamento do enterro. O segundo ângulo decorre do acompanhamento do plantão de uma Delegacia da Mulher, em São Paulo, quando os repórteres Mariane Salerno e Mikael Fox conversaram com mulheres que denunciavam agressões recebidas e negociavam a realização da entrevista com preservação da identidade. O terceiro ângulo foi desenvolvido por Felipe Gutierrez e Caio Cavechini (repórteres), que acompanharam uma mulher que atua na defesa de homens acusados de agressão, na tentativa de obter acesso a esses homens. Após a exibição do programa, realizou-se um *chat* com a delegada.

A edição aborda conjuntamente os gêneros masculino e feminino, com o que agraga um ângulo polêmico à reportagem: uma equidade não legitimada socialmente. Outro aspecto polêmico foi a visibilidade de elementos que supostamente possibilitariam a identificação das vítimas entrevistadas. Logo após o programa ir ao ar, esse debate se iniciou no *blog* do programa. Outro grupo de comentadores se formou entre vítimas de violência, que expuseram seus dramas pessoais – a maioria agradecendo pela abordagem do tema ao programa. No total, foram deixados cem comentários na sequência da postagem da reportagem. Na análise de casos específicos estão preservados o conteúdo e a forma originais (exceto pela correção de erros de digitação e grafia).

Dentre todos os comentários, 17 tinham caráter testemunhal e referiam-se a casos de violência sofrida pelos próprios comentadores, alguns diziam sofrer violência no período em que o programa foi ao ar. Dentre esses testemunhos, apenas uma pessoa declarava ser do gênero masculino, com relato de que teve de “segurar uma mulher irritada”, que teve “danos leves”. Os demais são comentários longos e desesperados, dos quais quatro pedem ajuda (à advogada que participou do *chat* e ao próprio programa). As pessoas justificam o fato de estarem deixando o depoimento com a ideia de que “talvez sirva para ajudar alguém”, porque sabem que as pessoas demoram para perceber que são vítimas de violência, porque é “difícil acreditar em alguém quando a pessoa que você ama te passou a perna dessa forma”.

Do total de comentários que se referem genericamente a ‘casos de violência’ (não tendo sido vítimas declaradas), doze explicitam posicionamentos (ênfase na culpa — se é do homem, se é da mulher também), alguns criticam, outros elogiam a Lei Maria da Penha, dois comentários falam sobre a violência psicológica, outro faz um apelo para que pais eduquem seus filhos para a não violência; um chega a sugerir que mulheres façam treinamento de luta.

Outra característica dos comentários é a existência de algum nível de análise ou crítica ao conteúdo exibido e à forma de enquadramento, com avaliação da abordagem do programa – foram 24 comentários com essa característica. Dentre esses comentadores, dois se declaram jornalistas – e tratam de aspectos referentes à produção da reportagem. Alguns comentários destacaram a presença, na reportagem, de casos de violência doméstica contra homens como um aspecto positivo, considerando-se que, durante as brigas, as mulheres também têm posição. Outros consideraram que o tratamento dado aos casos de violência contra homens foi menor em importância, com ausência de questões sobre a falta de leis para amparar homens vítimas de violência e sobre os motivos dos atos dos homens agressores.

Quatro comentários tratam detalhadamente do modo operacional do programa:

A) “Imagino como seja difícil a aproximação das vítimas de violência e a relutância delas em dar uma entrevista. (...) Como sugestão de programa, espero que vocês retornem em algum momento para verificar se algumas daquelas denúncias deu (sic) em algo”.

B) “A equipe como sempre mostrou a complexidade que envolve a violência contra mulher. Gostaria de sugerir ao programa que façam a parte II do assunto, só que agora relatem sobre a silenciosa violência que sofrem as mulheres de policiais”.

C) “Hoje de norte a sul do Brasil percebemos que as mulheres já ouviram falar nas delegacias de atendimento à mulher, pela primeira vez eu pude assistir uma reportagem numa óptica diferente, violência da mulher contra o homem, mas ficou de fora a violência “alienação parental”, que eu gostaria de assistir nos próximos episódios”.

D) “A cada programa a gente se dá mais conta dos desafios apresentados para esta equipe. Não só em chegar tão perto do limite da privacidade, mas em conseguir mostrar para o Brasil essa realidade sem cair no sensacionalismo”.

Os comentários analisam o que foi exibido dentro de uma lógica própria do programa, o aspecto dos bastidores; o desenvolvimento do assunto em angulações variadas; a reportagem feita em mais de um estado; a tentativa de explorar o assunto com questões diversas; a referência aos “desafios”, expressa no bordão do programa, com ênfase para assuntos íntimos, numa forma avaliada como não sensacionalista. Três

comentários sugerem reportagens, todas relacionadas ao tema – o que também denota uma compreensão do programa como um todo, que faz mais de uma reportagem sobre um mesmo tema.

Os comentários expressam uma compreensão do jornalismo como atividade social, do compromisso assumido socialmente (complexidade de abordagens, contextualização de fatos, não restrição da pauta a uma única região do país). Há uma noção do que caracteriza os valores-notícia, considerando-se a pertinência nos assuntos abordados. As pautas sugeridas foram exploradas pelo programa: em programa de 2011, as pessoas que prestaram queixa foram acompanhadas por um longo período, para que fosse possível registrar casos de retirada da queixa; acompanhou-se o caso de uma policial que sofria ameaças de um ex-companheiro; e produziu-se um programa específico sobre as consequências, para os filhos, da briga dos pais.

Cinco comentários contêm um teor analítico aprofundado e se voltam com pertinência argumentativa à ação de crítica da mídia.

A) “O programa de hoje foi QUASE ótimo se não fosse por uma frase infeliz de um repórter que, na minha opinião, quase colocou tudo a perder. Durante a reportagem sobre um casal (...), o repórter proferiu a seguinte frase: ‘Foi APENAS uma agressão, mas que fez o casal ficar separado por 03 meses...’ Lamentável.”

B) “A equipe soube falar bem sobre os ganhadores da mega-sena. Pena que não saiba falar sobre violência contra a mulher. Assim como todos os que são contra a Lei Maria da Penha, como o homem que comentou mais acima das mulheres \"neuróticas e alopradas\", a equipe deu uma estranha ênfase nos casos de violência contra os homens – além do caso Zico, os dois repórteres pediram para o homem mostrar fotos das agressões que a mulher cometeu contra ele. Isso é a maioria?? Com certeza não! Procurem os dados de atendimento do Sistema Único de Saúde!! (...) A equipe poderia ter apresentado dados da violência no Brasil, ter mostrado as casas-abrigo, grupos de terapia para os homens violentos... deixa pra lá. Boa sorte.”

C) “Achei um tanto tendenciosa a reportagem sobre a mulher que assassinou o marido. A delegada disse que não havia marcas visíveis de agressão física, mas não considerou a agressão psicológica e verbal. Quem sabe o que ele falou para ela, antes da agressão, e a continuidade dessas agressões? A agressão psicológica é tão humilhante quanto a física (...). Parecia que o Zico era um santo, injustiçado, esfaqueado por uma bruxa... sei!...”

D) “...outra coisa que me incomodou no programa foi a forma acrítica como os casos de violência exercida pelas mulheres onde as “vítimas” são os homens foram reproduzidos foi colocado (sic), gostaria de lembrar que esses exemplos são ínfimos em relação aos casos em que a violência é cometida por estes...”

E) Antropóloga: “do meu ponto de vista faltou bom senso, já que se optou por tratar casos de “violência doméstica” num tom de suposta equanimidade, como se homens e mulheres fossem igualmente vítimas de agressão familiar. Certamente, um olhar menos reducionista inclui os homens como partícipes/“atingidos” de forma mais ampla quando há uma relação violenta, assim como os filhos ou as pessoas que se relacionam com a família que

mantém relações violentas. Mas isso não justifica o viés assumido na narrativa do programa de tentar equilibrar danos entre homens e mulheres, quando a mulher é a principal vítima, fato óbvio e sabido não somente pelo senso comum, como pela quantidade dos casos de violência.”

O primeiro texto, dentre os recém-citados comentários, dá ênfase ao uso de uma expressão mal colocada que fez desmerecer o caso abordado. O segundo comentário faz cotejos de um programa com outro, com tom crítico, no sentido de afirmar que esperava uma abordagem com a mesma qualidade da observada ao se enfocar o assunto da violência – opondo assunto ameno a assunto sério. E com isto há uma interlocução com a reflexão sobre o jornalismo, que volta a ocorrer com a crítica à palavra “apenas”, e com a crítica à ênfase dada ao caso do homem morto pela mulher, tratado de “forma acrítica”, descontextualizada, portanto, com relação ao quadro geral de casos de violência. Crítica reforçada no comentário seguinte, que se refere à ausência de contexto e questiona o princípio do jornalismo de oferecer tratamento equitativo para versões variadas do mesmo fato – considerando a argumentação de que casos diferentes merecem tratamentos diferenciados.

Boa parte dos comentários (29, de cem) destacou a preocupação com a proteção da identidade das vítimas, apontando a ineficiência dos recursos usados e questionando o compromisso com as solicitações de sigilo. Nesse grupo de comentários, apenas um foi dissonante, questionando o tipo de compreensão sobre a demanda de sigilo de identidade: “Essas mulheres não pediram pra serem poupadass por MEDO dos maridos, mas por VERGONHA” (caixa-alta no original). Os demais comentários criticam o uso das imagens. São caracterizados pela “proximidade” à equipe do programa (desejam “bom-dia”, mandam abraços e beijos, desejam sucesso, sorte, “tudo de bom”). Vários explicitam a assiduidade como elemento que embasa a crítica, justificando que não se trata de uma visão negativa do programa, mas de uma tentativa de auxiliar a melhoria da produção de reportagens: “Admiro demais o programa (...). Por isso me prontifiquei a vir até o *site*, para escrever... Espero que revejam essa edição e postura”.

Os detalhes comentados referem-se, sobretudo, a uma mulher loira (duas das denunciantes eram loiras) e foram caracterizados pelos *frames* selecionados abaixo.



Os detalhes são descritos no *blog* com grande quantidade de informações – com referência a personagens, contexto, falas:

“a aliança, as mãos, os cabelos, a voz, o perfil, os lábios e as roupas... Com certeza, todos que a conhecem e principalmente o agressor, a reconheceram. Isso foi lamentável.”

“elas foram expostas demais, objetos pessoais como anel, roupa, são muito fáceis de reconhecer!!!”

“E filmaram os olhos nitidamente, depois a boca nitidamente, os cabelos, a testa, as mãos, OS ANÉIS !!!! E vocês realmente acham que se um marido ver essas imagens não vai reconhecer o anel, o dedo certo em que o anel está, os olhos, a boca, as mãos da mulher e a forma de falar, com a voz pouco modificada ?!?!?” (caixa-alta e pontuação no original).

“Por exemplo, vocês mostraram anel, não mudou a voz...”

“Em alguns casos foram mostrados detalhes do rosto, olhos, boca, cabelo, objetos pessoais (como anel) que permitem facilmente identificar as pessoas.”

Alguns comentadores descrevem reações no momento em que assistiam ao programa: “Para o espectador foi angustiante”; “Foi me dando nervoso ver aquela senhora loira, que pediu para não aparecer, sendo mostrada detalhe por detalhe”. Outros destacam procedimentos executados ou que não deveriam ter sido executados: “desfocar imagem e voz era o mínimo que vocês DEVERIAM ter feito” (caixa-alta no original); “Achei desprezível a atitude do cinegrafista, e de quem editou e permitiu que as imagens das mulheres fossem mostradas”. Ambos referem-se a procedimentos técnicos e ao uso de recursos no telejornalismo. Alguns comentários são escritos como aconselhamentos, para as próximas edições evitarem o erro. Destes, alguns falam da responsabilidade do programa caso algo aconteça com as pessoas entrevistadas.

A ética profissional em manter o compromisso de não exibir as imagens foi enfatizada por alguns comentários: “Em duas ocasiões, a repórter (...) prometeu às entrevistadas que elas não seriam filmadas de frente, apenas de costas, e nas duas ocasiões as filmagens mostraram partes das faces daquelas mulheres, que permitem, perfeitamente, as suas identificações”.

Um comentário indaga sobre a necessidade de se obter as imagens, questionando o tipo de método jornalístico empregado e referindo-se a uma totalidade, da qual faz parte, “ninguém precisa ver elas”. Outro questiona a necessidade de se expor a opinião do agressor: “Qual a necessidade de ouvir o agressor? O que ele poderia dizer de útil?” – trazendo aspecto constituinte do *Profissão Repórter* como programa, pelo objetivo de explorar “os diversos ângulos da mesma notícia”. Outro comentário observa uma duplicidade de sentido, considerando que o programa explica a lei, mas “ao mesmo tempo se aproveita da fragilidade das vítimas e as expõe, não obedecendo o medo de represálias futuras pelo infrator”.

Outros consideraram que a escolha por mostrar traços das pessoas, enquanto essas contavam suas histórias como vítimas de agressão, aproximou o programa de abordagens sensacionalistas. Uma assistente social argumenta sobre a revelação de características reveladoras da identidade das pessoas: “A vítima tem o aparato legal, porém muitas vezes tem que retornar à moradia comum com o agressor. Vai aí um apelo ao programa, que examine essas questões de exposição das vítimas”.

4 Repercussão do caso: comentários de *Profissão Repórter* e análises de espectadores

Nos dois dias que se seguiram à exibição do programa, comentários enfatizando aspectos éticos do jornalismo e características da edição dominaram a seção destinada aos telespectadores – moderada, mas cujos dados, uma vez publicados, podem ser lidos por todos os que acessam o *blog*. A repórter Mariane Salerno escreveu seu relato narrando que, por momentos, tentava imaginar outras coisas, por conta da intensidade dos dramas narrados pelas mulheres, e logo voltava à atenção exigida. Entre os comentários da postagem, os argumentos anteriores retornam, em tensionamento com outros. Uma mulher se diz fã do programa, mas decepcionada com a edição, que

destacou a história do homem assassinado, ignorando o histórico de violência. Outra mulher rebate, observando o “papel do jornalismo”:

Todos têm o direito de expor as suas opiniões! Mas infelizmente nem todos conhecem o papel do jornalismo, não conheço a mulher para dizer se ela tem culpa ou não no cartório. A delegada disse que foi feito o exame, e assim foi detectado que a mulher não tinha nem um sinal de espancamento, a reportagem mostrou os dois lados, e deu o direito da mulher falar, então tudo que devia ser esclarecido foi, Caco cumpriu o que o foi designado, fazendo uma reportagem espetacular.

A maior parte dos comentários foi feita por mulheres, muitas deixando seus depoimentos, mas a maioria efetuando análises da mídia e ações de crítica a esta, sob dois ângulos centrais: o primeiro, a manifestação de uma “equidade” inexistente entre casos de violência entre homens e mulheres; o segundo, a crítica à exposição de detalhes que permitiriam a revelação da identidade das mulheres vítimas de violência.

A editora Ana Escalada escreveu um texto sobre os tópicos levantados pelos internautas, observando que a preocupação da edição foi “não expor as vítimas que correm o risco de serem novamente agredidas”. Ela enfatiza aspectos pontuais dos trechos comentados, esclarecendo que “as vozes de todas as entrevistadas na delegacia foram alteradas para um timbre muito diferente do original”; que foram desfocados “anéis, brincos, cabelo e outros detalhes que poderiam ser identificados pelo agressor” e que planos abertos, mostrando as vítimas de corpo inteiro, foram evitados. E se dirigindo diretamente para quem comentou sobre o programa: “Os internautas que demonstraram preocupação com a segurança dessas mulheres podem ter certeza de que as imagens que foram ao ar são muito diferentes das originais”.

Alguns comentários agradecem pelas informações e dizem esperar que realmente as mulheres não tenham sido identificadas. Outros seguem a crítica – ao programa (“no meu entender, não exibir rostos significa não exibir rostos, sejam eles por inteiro ou por pedaços”) ou diretamente à editora, como nestes dois casos, um irônico, outro indignado:

Sra. Editora, espero que seus comentários sobre os cuidados que tiveram para preservar as imagens e vozes das vítimas sejam verdadeiros, e não apenas mais uma daquelas explicações formais comuns à quem é pego com a boca na botija, e não tem o que dizer a respeito! Afinal, não tenho razões para crer que a senhora esteja apenas tangenciando a grave falha, se é que ela houve, dos seus repórteres amadores (para não usar a palavra oportunistas). Para o bem das vítimas, espero que a senhora esteja com a razão, e que eu, e todos os “bobinhos” que escreveram para reclamar, estejamos equivocados.

Ana, agradeço seu esclarecimento, mas sinceramente, o remendo ficou pior q o soneto... Desculpa, mas vocês NÃO DESFOCARAM anéis, brincos e outros objetos que poderiam identificar essas vítimas!!!! Acabo de rever o programa para ter a certeza de que não estaria cometendo injustiça com vocês, e fiquei estarrecida!!

A resposta vem por meio de vídeo, sob o título: “Conheça recursos para preservar a imagem de quem não quer ser identificado na TV”. O texto explica a perspectiva do programa, de que há um “cuidado com a identidade daqueles que não querem aparecer na TV, mas têm uma história importante para contar”. O editor do site na época, Raphael Prado, introduz a conversa com o editor de imagens, Rafael Armbrust, falando sobre comentários de internautas. É na forma de diálogo, e interagindo com o vídeo, que os repórteres contam como se deu a edição do programa. Rafael Armbrust explica sobre o processo de alteração de voz: “A gente não deixa com aquela voz de robô, mas mesmo assim o timbre se torna outro, a pessoa se torna outra”; “a gente na verdade reduz um pouco o tom, a velocidade e altera bastante até”. Na sequência, trecho com bordão do *Profissão Repórter* e voz de Caco Barcellos: “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem. Agora, no *Profissão Repórter*”. O vídeo não tem cortes, Rafael Armbrust mostra o áudio original, faz as alterações e solta o áudio alterado:

Raphael Prado: é uma diferença muito grande, é ainda uma voz humana, uma voz que poderia ser atribuída a qualquer pessoa. (...) Além disso, teve uma diferença também nas imagens, né, o que foi que vocês fizeram para impedir que houvesse identificação nas imagens?

Rafael Armbrust: Bom, o programa também, a gente anota aqui que as pessoas usam utensílios, anéis, brincos, que tornam possível o reconhecimento delas, então a gente resolveu, por ex, essa moça aqui, ela tinha um anel que tinha uma característica muito forte, a gente decidiu esconder, então aqui na ilha a gente também não vai mostrar, porque...

Raphael Prado: porque aí identificaria a pessoa, mas mostra como foi para o ar, além desse anel desfocado que pouca gente percebeu, tem também uma legenda com o que ela estava dizendo, né?

Rafael Armbrust: A gente põe a legenda, que além de dar um entendimento melhor, ajuda esconder a imagem, é um recurso, uma coisa meio escondida, mas que ajuda a esconder, a tapar a identidade dessa mulher, a identidade dela.



O tom é eminentemente didático e o vídeo refere-se aos aspectos mencionados pelos espectadores, no *blog*, explicando em detalhes as ações de edição. A postagem foi comentada por 17 pessoas, algumas agradecendo as informações, destacando as características do programa na discussão do jornalismo. Um dos comentários elogia o “profissionalismo” ao “preservar a imagem das pessoas”, outro destaca elementos da conversa entre Raphael Prado e Rafael Armbrust. Outro comenta o conteúdo do vídeo, em relação às postagens dos telespectadores e ao programa: “Que bom que esclareceram os fatos. Eu não estava mais aguentando os comentários críticos de algumas pessoas, pois, em minha opinião, eram sem fundamento, mas uma vez encararam a situação da melhor forma possível”. Um jornalista escreve sobre a dificuldade de se mostrar “temas polêmicos”, que “devem ser mostrados”.

Todo esse debate em torno da exposição das imagens se deu pq uma das repórteres aparecia prometendo a preservação das imagens. Esse tipo de problema acontece em vários telejornais de várias emissoras, sejam locais ou em rede. O debate só ocorreu pq esse programa possibilita que o público acompanhe os impasses e dilemas de quem faz a reportagem. A relação com as fontes e os argumentos para conseguir a entrevista. Na verdade, a repórter promete algo que não depende dela: a decisão final está na mão dos editores. (...) Críticas são construtivas quando bem fundamentadas e quando surgem da reflexão. Cabe a nós jornalistas (TODOS!) refletirem sobre este dilema ético da profissão, mostrado pelo programa com competência. Afinal o tema central de programa é o próprio trabalho jornalístico”.

Em dois momentos específicos, o comentário analisa a proposta do programa – e a edição debatida em relação a essa proposta – com características ao mesmo tempo codiscursivas, autorreferenciais (pela reflexão da atividade social em si, com teor defensivo quanto às críticas) e de crítica de mídia, especificamente pela análise da edição. Dois outros comentários voltam a discutir o caso sob a ênfase na identificação das vítimas:

“Fui surpreendida quando vi que vocês tentariam explicar o que aconteceu, com honestidade, porém, não foi isso que vi... Querem fazer com que acredite no que mostraram? Então porque não mostraram aquela loira?? Um das que mais aparecia? Sem querer ser grosseira, mas sem a mínima paciência agora, tentem fazer isto com alguém de sua família para ver se funciona! Sua esposa ou namorada”.

“‘Recursos que DIFICULTAM a identificação dos entrevistados’. ao meu ver, quando as mulheres pediram para não serem identificadas, o objetivo era que NINGUÉM as identificasse e não que fosse mais DIFÍCIL fazê-lo. Nuvenzinha em anel, mudar a voz e colocar legendas se mostram totalmente inúteis quando vários *closes* de rosto são feitos em quem se dispôs a falar com a reportagem. Não mostrar rostos é não mostrar rostos. Os comentários aqui deveriam ser sobre o conteúdo da matéria, a partir do momento em que se faz necessária uma explicação dos editores do programa sobre os ‘recursos’ utilizados na preservação dos entrevistados, a coisa vai mal. E eu repito: De que adianta engrossar a voz das mulheres sendo que partes dos rostos foram abertamente mostradas? Sr. Rafael, se mostrassem *closes* desse tipo da sua mãe ou esposa, você não reconheceria? (...)”.

O primeiro desses comentários dá ênfase a supostas intenções do programa (“tentariam explicar o que aconteceu”, “querem fazer com que eu”), enquanto o segundo recai sobre a análise de vídeo (trecho citado do texto, rememoração de itens contidos no vídeo explicativo, análise do argumento desenvolvido no vídeo) – com características de análise do campo acadêmico. Ambas se reportam diretamente ao repórter Raphael Prado, que dirigiu o vídeo explicativo postado na internet, sugerindo que ele faça o mesmo com imagens de “sua esposa ou namorada”, “sua mãe ou esposa”. O segundo comentário faz, ainda, uma crítica analítica do enfoque da discussão social em função do programa – que deveria ser pautada pelo assunto e não pelos detalhes técnicos – com uma crítica ao próprio jornalismo, que oferta esse tipo de material, ao invés de ofertar unicamente o “conteúdo”.

5 Apontamentos finais

Embora todos os comentários analisados tenham sido postados no *blog*, há uma relação clara com a emissão televisiva, que se estabelece com as postagens iniciais, publicadas após a transmissão do programa. Duas características do contato de *Profissão Repórter* com o público marcam a relação estabelecida: a possibilidade de se assistir às edições no *site* do programa (<http://g1.globo.com/profissao-reporter>), o que repercute na organização dos comentários, já que é possível voltar a olhar o programa e

certificar-se do argumento defendido em relação ao que foi ao ar; a publicação dos comentários dos espectadores (embora moderados, comentários duramente críticos foram publicados). Observamos como as situações e as características do contato entre os espectadores e o programa, nesse caso específico, produzem situações também específicas, chegando a gerar um novo produto midiático. É o caso do vídeo em resposta aos comentários preocupados com a identidade das vítimas de violência. É o caso também dos comentários que se correferenciam, produzindo conteúdos novos pela análise do que já foi postado por outros.

É interessante perceber que os comentadores já haviam assistido ao programa, acompanhado a reação dos espectadores, e voltaram a procurar informações, lendo as postagens da equipe do *Profissão Repórter* e deixando novas mensagens. Mesmo considerando-se a presença de um jornalista profissional entre os comentadores, esse retorno dos telespectadores ao tópico e à conversa deixa como marca uma informação a respeito desse público, que não só é ativo sobre o que assiste (e os comentários expressam a pertinência das mediações no tipo de observação feita por algumas pessoas, como gênero, atividade social e, marcadamente, experiências pessoais), mas faz repercutir suas opiniões, mobilizando recursos para movimentar a circulação social de assuntos midiaticamente tratados.

Há um “trabalho social” sobre o que a mídia oferece e faz, que produz uma “circulação comentada” (BRAGA, 2006b, p. 39). A maior parte desse “trabalho social” ocorre em uma circulação “diferida e difusa”, que às vezes ganha graus de institucionalização e chega a se manifestar por intermédio da própria mídia. “As proposições ‘circulam’, evidentemente trabalhadas, tensionadas, manipuladas, reinseridas nos contextos mais diversos” (BRAGA, 2006b, p. 28). Esse “trabalho social” pode ser observado em relação às ações propriamente ditas, como também com relação ao conteúdo. Nesse caso, é pertinente observar como um conjunto de aprendizado anterior sobre a mídia é utilizado para subsidiar os comentários realizados, fazendo referência a recursos tecnológicos, procedimentos técnicos jornalísticos e especificidades do programa assistido. Assim como experiências pessoais referendam opiniões sobre o tema, experiências midiáticas estão na base da crítica ao tipo de uso das imagens, de enquadramento da reportagem e de postura ética com os entrevistados.

Além das críticas, podemos observar a circulação das informações, de como se agregam outros tipos de assuntos para discutir o que é tematizado pelo jornalismo (e que vêm do cotidiano e do sistema educacional, como da própria mídia), de como a mídia se torna a base para a interação de um grupo social, ainda que por um tempo restrito. E é interessante observar como, nesse caso específico, a ação crítica se volta para o próprio grupo que interage em torno da temática ressaltada pelo programa. Complementarmente, é essa experiência singular que motiva, por exemplo, as declarações na forma de testemunho, que se colocam tanto para a troca de informações como para a partilha de experiência de vida.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 28. ed. Tradução de: FERNANDES, Floriano de Souza. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRAGA, José Luiz. **Processos de aprendizagem para uma sociedade de interação mediatizada**. Mediatização, Sociedade e Sentido (Seminário Prosul), 2007, São Leopoldo. Mediatização, Sociedade e Sentido - Anais do Seminário Prosul de Comunicação 2007. São Leopoldo: Projeto Prosul de Comunicação, 2007. v. 1. p. 1-14.
- _____. **Quando a mídia é notícia**. Trabalho apresentado no NP 02 – Estudos de Jornalismo, no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Evento componente do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. 15 Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP – Bauru, 6-9 de junho de 2006.
- _____. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006b.
- _____. Qual a teoria, qual o problema. (a visada comunicacional implicada nos dispositivos interacionais). Texto apresentado no Seminário PROCAD “Crítica Epistemológica” (Unisinos, UFG, UFJF), reunião de Goiânia, 2011.
- _____. Mediação & Mediatização: Conexões epistemológicas. Circuitos *versus* campos sociais. In: **Mediação e Mediatização**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. "A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim". **IHU online**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 13 de abril de 2009. Edição 289.

_____. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009b.

_____. Escrituras sobre a enunciação jornalística. **Comunicação e Espaço Público**, ano XI, n. 1 e 2, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. Enunciação midiática: das gramáticas às zonas de pregnância. In:

_____ *et al.* (Org.). **Midiatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers serviços editoriais Ltda, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Heredando el futuro: pensar la Educación desde la Comunicación**. Nómadas (Col), núm. 5, 1996. Universidad Central. Bogotá, Colombia.

_____. **Dos meios às mediações**. Tradução de: POLITO, Ronald; ALCIDES, Sérgio. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

OROZCO GÓMEZ, Guilhermo. Educação mediática ressalta o potencial de expressão dialógica das tecnologias. Entrevista a CITELLI, Adilson; FIGARO, Roseli. **Matrizes**. ano 3 – n. 2 jan./jul. 2010, p. 117-130. São Paulo, 2010.